

8 Artistas

Obras da Coleção de Arte Contemporânea da Fundação Portugal Telecom

A pouca visibilidade da mulher na História da Arte explica-se porque, até ao final do século XIX, as mulheres não estudavam artes plásticas uma vez que o acesso ao seu ensino lhes estava interdito. Foi apenas no início do séc. XX que, apesar de todas as barreiras que se lhes apresentaram, numerosas mulheres enveredaram pela carreira artística.

A hegemonia dos homens no universo das artes plásticas altera-se, a partir de então, com o passar do tempo e com o significativo aumento de mulheres artistas interessadas em ocupar um lugar no mundo das Artes.

O impulso da produção artística no feminino é um bom sintoma da luta emancipadora das mulheres e da aproximação à igualdade de direitos e oportunidades entre os dois sexos. As artistas mostram e divulgam as diferentes formas como absorveram as regras e criaram as suas próprias linguagens plásticas, dando, assim, visibilidade ao pensamento que se encerra na obra de arte.

A arte não se confina ao mundo ocidental, embora seja evidente que é aqui que as mulheres mais divulgam os seus conceitos criativos e mostram individualizar-se através dos diferentes aspetos da expressão plástica, num olhar transversal de ideias com influência visível nos seus trabalhos.

Esta exposição, exclusivamente reservada às mulheres, apresenta 10 obras selecionadas que pertencem ao espaço temporal entre o ano 1987 e a obra mais recente 2012. Cada uma das 8 artistas portuguesas do cenário da arte contemporânea presente nesta mostra, a seu modo, projeta nas suas obras um olhar pessoal, traduzindo nos trabalhos as vivências e reflexões sobre o pensamento cultural feminino, com uma mistura onde podem surgir diversas oscilações de sensualidade, ironia, provocação, romantismo, sedução, mistério e revelação.

Mais uma mostra de um núcleo da Coleção de Arte Contemporânea da Fundação Portugal Telecom, que proporciona um momento em que a arte encontra públicos e se constitui como cultura material viva, divulgando a criação artística e as formulações estéticas contemporâneas.

Mónica Constantino



Ana Perez Quiroga - *De noite na cama fico pensando*, 2012

Ana Perez Quiroga destaca-se a partir dos finais dos anos 90 acompanhando e alinhando com tendências específicas da cena artística internacional. Ela utiliza os mais diversos meios e suportes na materialização da sua obra. Expressa e reflete questões relativas ao género e à condição feminina, usando objetos do quotidiano, *ready mades*, explorando os limites de uma arte total. Conceitos como assemblage, e performance estão inerentes no seu trabalho artístico como nesta instalação "*De noite na cama fico pensando*", título inspirado numa canção de Caetano Veloso, com quem a artista sente proximidade e afinidade - compõe-se de franhas com fragmentos de textos bordados do filósofo Alain de Botton, montadas num ambiente que expressa o sonho e a poesia e remete-nos para o lado noturno e onírico do mistério e revelação.

Ana Vieira - *Pronomes*

Ana Vieira, que este ano nos deixou, faz parte do núcleo de artistas portuguesas de vanguarda, que aposta na experimentalidade dos novos suportes e técnicas, decisivas para a afirmação da contemporaneidade artística nacional. Com formação académica em pintura, a sua obra é a negação da próprio meio da pintura. Não há telas pintadas. Há ambientes, há cenografias, envolvimentos que desafiam e confrontam o espectador. O trabalho transpira interioridade, rompe os limites dos seus constrangimentos, abre as esferas e fronteiras. Um confronto em que o espectador é obrigado a interagir com a obra. É uma nova dimensão da obra de arte, espacial, em que a casa/lar e a arquitetura são convocadas, sendo uma das primeiras artistas a usar a instalação enquanto obra de arte. Trabalhos que remetem à condição social da mulher são os seus lugares de constante retorno e eleição permanente. A obra "*Pronomes*" consta de uma instalação multimédia, composta por um conjunto de esculturas, corpos esvaziados formatados pela silhueta da pele/fato exterior que os reveste e protege, inspirado no "capote-e-capelo", ícone do traje feminino tradicional de São Miguel, de onde a artista é natural. Neste conjunto, um aglomerado de 11 figuras negras murmuram os pronomes pessoais, numa peça de grande efeito cenográfico e dramatismo. A expressão intimista, sussurrada, inerente à condição feminina, a comunicabilidade possível com o exterior do espaço doméstico, revela a solidão, o desassossego a que a sociedade patriarcal condena o lugar da mulher.

Alice Geirinhas - *Maria do Carmo*, 1999

A artista parte do desenho e da ilustração para as suas obras, em que a narrativa envolve personagens híbridas e zoomórficas nas suas composições, expressão satírica e contundente. No caso da presente obra "*Maria do Carmo*", a artista explora alguns dos estereótipos ligados à emigração portuguesa em França, resultado dos cruzamentos impostos pela sobrevivência, cujo resultado se traduz numa aculturação miscigenada das raízes e na construção de novos sentidos referenciais dos lugares desfeitos e reconstruídos pela experiência. São nove desenhos com texto (banda desenhada), num registo primitivo, onde a narrativa cáustica nos devolve uma realidade crua, no caso a expressão épica da emigração ou de uma odisseia portuguesa.

Joana Rosa - *Silence*, 2002

Joana Rosa, cujo percurso remonta à Alternativa O, a mais importante e fundadora exposição de arte portuguesa nos anos 70, utilizou a fotografia enquanto processo pós-performativo nesta fase inicial e conceptual do seu trabalho. Este evoluiu no sentido de desenho a partir da exploração sistemática da ideia e registo de *doodle* - desenho automático feito à margem, imediato, solto e distraído, uma espécie de registo do subconsciente e campo fértil para análise. São trabalhos hiper-densos, por vezes sujos, com histórias soltas, ilustradas, cruzadas e labirínticas, onde o texto e a imagem formam um todo indistinto e criptado.

Rita Barros - *Auto retrato: fifteen years; Chelsea Hotel*, 2001

Rita Barros explora a fotografia enquanto meio para construir o seu discurso e nos confrontar com imagens desconcertantes em autorretratos. A artista explora intensivamente e quase em exclusivo a memória do lugar onde reside em Nova Iorque, o mítico Chelsea Hotel - lugar incontornável e referencial da cena artística americana. Rita transforma-se assim numa das "*Chelsea Girls*", em obras "pós-pop". No trabalho exposto, para além do primeiro plano ocupado em grande escala pela própria em pose reclinada, os restantes elementos da composição dão-nos as pistas e referenciam-nos o contexto - são objetos de consumo elevados à sua condição de obra de arte (sacos de supermercado-postais) - matriz do trabalho de Andy Warhol e de Roy Lichtenstein noutra abordagem, pioneiros de um movimento POP. Andy, também ele um ex-residente do Hotel, foi sem dúvida a maior star artística do seu tempo. Rita explora a memória e o tempo perdido, expondo essas cicatrizes com um *glamour* próprio. A sua pose pós Olympia não agitará as mentalidades e a moral, não é essa a ideia, há um lado subtil na vulgaridade deste registo - o nosso olhar é convocado a vaguear nas indeterminações do *close up* na aparente ideia de instantâneo, o que agora com a massificação dos meios e tecnologias se designaria de "*selfie*". No entanto, esta obra está nos seus antípodas.

Júlia Ventura - *Geometrical reconstructions and figures with roses (n.º 5)*, 1987

Júlia Ventura, artista que se destacou a partir dos anos 80 com grande circulação e visibilidade na arte internacional, sobretudo entre Lisboa e Amesterdão, centraliza o seu trabalho na autorrepresentação, utilizando a fotografia como meio de eleição. No seu trabalho, a artista confronta-nos diretamente com o seu corpo real (tronco), que se dilui e abstrai ao tornar-se motivo e padrão. Reproduz-se rizomaticamente como um fractal enquanto fundo e questiona os estereótipos sexuais da representação feminina. Desconstrói a imagem e os clichés do meio fotográfico, numa dialética paradoxal onde a herança histórica e patriarcal e da própria representação feminina é questionada.

Cristina Mateus - *Não digas nada*, 1998

Cristina Mateus, cujo itinerário de trabalho é estruturado convocando de forma explícita os modos de entendimento do estatuto da mulher na sociedade, utiliza para esse efeito um universo complexo e multireferencial de cruzamentos de texto e imagem relativas ao universo mediático, com grande eficácia, apesar da economia de meios. Estas meta-narrativas ambíguas transparecem o desejo, a sexualidade, o amor de uma forma desconcertante, cruel e desestabilizadora da identidade feminina.

Marta Wengorovius - *Sem título*, 2000

Marta Wengorovius é uma multifacetada artista cujo trabalho escapa a definições fáceis, já que o seu campo de intervenção se inscreve nos mais diversos meios, que vão da performance à arquitetura, à instalação, à cenografia, passando pelos registos mais comuns, como a fotografia e o desenho. Nesta exposição mostramos três trabalhos, todos sem título, o que deixa em aberto todo um universo especulativo sobre o registo. A fotografia, a que sobrepõe a pintura, deriva da figuração para a abstração sem se diluírem. Na multiplicidade e experimentalidade das suas pesquisas, na diversidade conceptual da sua prática, a artista convoca-nos para participar, o que torna a sua obra um caso singular e total na arte atual, extravasando todas as barreiras e fronteiras.

Rui Órfão

8 ARTISTAS OBRAS DE COLEÇÃO

DE ARTE CONTEMPORANEA DA FUNDAÇÃO PORTUGAL TELECOM

Fundação Portuguesa das Comunicações / Fundação Portugal Telecom
Programação e Coordenação Geral: Margarida Sá Costa; **Curadoria da Exposição:** Mónica Constantino, Rui Órfão; **Curadoria e gestão da Coleção de Arte Contemporânea da Fundação Portugal Telecom:** Mónica Constantino; **Arquitetura:** Rui Órfão; **Comunicação e Divulgação:** Isabel Santiago, Ana Ferreira, Raquel Reis; **Registo fotográfico e vídeo:** Ana Ferreira; **Serviço Educativo - Museu das Comunicações:** Cristina Weber, Américo Mascarenhas, Iria Zeferino, Joana Olivença, Liliana Pina, Teresa Beirão; **Design Gráfico:** Direção de Comunicação Corporativa e Marca da Portugal Telecom; **Produção Gráfica:** Logotexto; **Transporte e Montagem:** Feirexpo; **Apoio à Montagem:** Vasco Ferreira, Fernando Lourenço